

AUDRE LORDE: O SENTIMENTO COMO ARMA POLÍTICA

Joana El-Jaick Andrade¹

O conceito de “política identitária” (*identity politics*) foi cunhado nos Estados Unidos, na década de 1970, tendo sua origem vinculada a um movimento de mulheres negras lésbicas denominado de “Combahee River Collective”. Este grupo de ativistas, militantes e intelectuais socialistas buscaram formular uma visão de mundo que levasse em conta diferentes estruturas de opressão enredadas nas sociedades racistas-patriarcais-capitalistas. Deste modo, redefiniram o campo do feminismo marxista, problematizando categorias como raça, classe, gênero e sexualidade, bem como seus reflexos sobre as experiências de vida, luta e opressão de diferentes grupos sociais vulnerabilizados, como mulheres negras, imigrantes, homossexuais ou pertencentes a minorias étnicas e religiosas. Contudo, a perspectiva interseccional criada pelo “Combahee River Collective” não teria sido possível sem a contribuição teórica da escritora, poetisa, militante e acadêmica Audre Lorde (1934-1992). O pensamento político de Lorde foi fundamental não somente para o desenvolvimento da teoria interseccional, mas para a redefinição dos espaços políticos a serem ocupados pelas mulheres negras e excluídas. Sendo filha de imigrantes negros caribenhos, Lorde vivenciou nos Estados Unidos a condição de “outsider” (forasteira) desde a infância, situação que foi agravada após se assumir como lésbica e feminista, no cerne de uma sociedade ainda extremamente conservadora. As diversas formas de exclusão a que foi submetida lhe permitiu uma visão crítica tanto das instituições opressivas, quanto dos próprios movimentos de liberação, que frequentemente reproduziam uma lógica hierárquica e marginalizadora racista, machista, homofóbica ou xenófoba entre seus próprios membros. Além de lançar luz às diferentes formas de subjugação, Lorde critica o racionalismo filosófico do “patriarcado branco”, que tende a menosprezar os sentimentos como fonte do conhecimento e da transformação social. Assim, apontou para o empoderamento das mulheres através da canalização de seus sentimentos mais profundos e ocultos para a ação transformadora - sobrevivência, resistência e mudança. Nas palavras da autora, “à medida que aceitamos e conhecemos nossos sentimentos”, estes se tornam “campos férteis para as idéias mais radicais e ousadas” e “um abrigo para aquela divergência tão necessária à mudança e à formulação de qualquer ação significativa”. O presente trabalho tem como objetivo analisar algumas das principais contribuições teóricas de Audre Lorde para o campo de estudos de interseccionalidade, com destaque para sua compreensão dos sentimentos como potência criativa e força política. O estudo teve como referência tanto seus escritos políticos, quanto parte de sua produção literária das décadas de 1970 e 1980, visto que sua concepção poética engajada vincula-se à sua luta política. Como Lorde explicita, “a poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade”.

Palavras-chave: Audre Lorde; Interseccionalidade; Raça; Gênero; Marxismo.

¹Joana El-Jaick Andrade, Doutora em Sociologia/FFLCH USP, Professora do IFTM/Uberlândia, e-mail: joana.andrade@iftm.edu.br